

ESCOLAS ANARCO-SINDICALISTAS NO BRASIL: ALGUNS PRINCÍPIOS, MÉTODOS E ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

Dagoberto Buim Arena

Resumo

Em 1985, a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo publicou edição fac-símile da coleção de edições do jornal *A VOZ DO TRABALHADOR*, editado pelos anarco-sindicalistas da Confederação Operária Brasileira (C.O.B.), entre 1908-1915, no Rio de Janeiro. Este trabalho destaca com base nesse material, as resoluções sobre educação adotadas no segundo Congresso de 1913, as ações a ele subseqüentes que criaram escolas, a sua organização curricular e pensamento do educador Florentino de Carvalho, defensor de métodos que considerava racionais e científicos. Para isso, o desenvolvimento deste artigo aborda o nascimento do movimento anarquista no Brasil, a fundação da Confederação Operária Brasileira; a criação do jornal *A VOZ DO TRABALHADOR*, de seus objetivos e de sua importância para a unificação dos anarco-sindicalistas do Brasil; e, por fim, comentários a respeito da organização curricular de escolas, a ação de educadores anarquistas e a importância da educação para o movimento.

Palavras-chave: anarco-sindicalismo; escolas anarco-sindicalistas; Florentino de Carvalho

ANARCHO-SYNDICALIST SCHOOLS IN BRAZIL: SOME PRINCIPLES, METHODS AND CURRICULAR ORGANIZATION

Abstract

In 1985, the State of São Paulo Official Press published a “fac-simile” edition of the newspaper “A VOZ DO TRABALHADOR” (The Worker’s Voice), firstly edited by the anarcho-syndicalists of Confederação Operária Brasileira (COB) (Brazilian Labor Confederation), between 1908-1915, in Rio de Janeiro. Grounded on that material, this work underlines the resolutions on education adopted at the Second Congress of 1913, the following actions that created schools, their curricular organization and the thought of the educator Florentino de Carvalho, supporter of methods he considered rational and scientific. In order to meet these goals, this paper studies the emergence of the anarchist movement in Brazil; the foundation of Brazilian Labor Confederation; the creation of the newspaper “A Voz do Trabalhador”, as well as its objectives and

importance to the unification of anarcho-sindicalists in Brazil; and finally, some comments on the schools curricular organization, the actions of anarchist educators and the importance of education to the movement.

Keywords: Union-Anarchy; union-anarchy schools; Florentino de Carvalho

ESCUELAS ANARCO-SINDICALISTAS EN BRASIL: ALGUNOS PRINCIPIOS, METODOLOGÍAS Y ORGANIZACIÓN CURRICULAR

Resumen

En 1985, la Imprenta Oficial del Estado de São Paulo publicó una edición única de la colección de ediciones del periódico *LA VOZ DEL TRABAJADOR*, editado por los anarco-sindicalistas de la Confederación Operaria Brasileña (C.O.B.), entre 1908-1915, en Rio de Janeiro. Este trabajo destaca con base en ese material, las resoluciones sobre educación adoptadas en el segundo Congreso de 1913, las acciones a él subsecuentes que crearon escuelas, a su organización curricular y pensamiento del educador Florentino de Carvalho, defensor de los métodos que consideraba racionales y científicos. Para eso, el desarrollo de este artículo aborda el nacimiento del movimiento anarquista en Brasil, la fundación de la Confederación Operaria Brasileña; la creación del periódico *LA VOZ DEL TRABAJADOR*, de sus objetivos y de su importancia para la unificación de los anarco-sindicalistas del Brasil; y, por fin, comentarios respecto a la organización curricular de escuelas, la acción de educadores anarquistas y a importancia de la educación para el movimiento.

Palabras-clave: anarco-sindicalismo; escuelas anarco-sindicalistas; Florentino de Carvalho

Introdução

Em 1985, a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo publicou edição fac-símile da coleção de edições do jornal *A VOZ DO TRABALHADOR*, editado pelos anarco-sindicalistas da Confederação Operária Brasileira (C.O.B.), entre 1908-1915, no Rio de Janeiro. Este trabalho procurará destacar com base nesse material, as resoluções adotadas no segundo Congresso de 1913, as ações a ele subseqüentes que criaram escolas, a sua organização curricular e pensamento do educador Florentino de Carvalho, defensor de métodos que considerava racionais e científicos. Para isso, o desenvolvimento deste artigo abordará o nascimento do movimento anarquista no Brasil, a fundação da Confederação Operária Brasileira; a criação do jornal *A VOZ DO TRABALHADOR*, de seus objetivos e de sua importância para a unificação dos anarco-sindicalistas do Brasil, e, por fim, comentários a respeito da organização curricular de escolas, a ação de educadores anarquistas e a importância da educação para o movimento.

1.1.O movimento anarco-sindicalista no Brasil

O desenvolvimento industrial do país nas primeiras décadas do século, sustentado pela mão-de-obra européia, principalmente formada por portugueses, italianos, espanhóis e alemães, trouxe também a expansão do pensamento político-econômico contra o Capital, cujos representantes destacados eram os socialistas e os anarquistas. Entre os libertários, a influência do sindicalismo francês desencadeou a elaboração de um movimento conhecido como anarco-sindicalismo, cujo objetivo era a negação de cooperativas e partidos políticos, como estratégias de luta contra o Capital, e recomendar a organização dos operários em sindicatos que constituiriam a organização para a destruição do

Estado, do capitalismo, e âncora para a construção de um novo mundo (BIONDI, 2005; GHIRALDELLI, 1987).

Um dos fundamentos do movimento era o que chamavam de ação direta, isto é, a promoção de greves, motins, rebeldias no interior das fábricas, dirigidas contra todos os que participam da organização burguesa de sociedade, tanto indivíduos quanto instituições. O movimento anarquista ao evoluir para o anarco-sindicalismo elaborou também as idéias a respeito das finalidades da educação operária; destacou o papel da propaganda no processo revolucionário contra o estado burguês, e, por essa razão, organizou eventos de natureza cultural e promoveu a expansão da circulação de jornais, panfletos, livros, revistas e outros materiais impressos. Nesse ambiente de cultura, de educação, de propaganda e de rebelião foram criadas as condições para a fundação da Confederação Operária Brasileira (C.O.B.) e seu jornal *A VOZ DO TRABALHADOR*.

1.2. A C.O.B. e A VOZ DO TRABALHADOR

As disputas entre socialistas e anarco-sindicalistas, no Rio de Janeiro pelo controle do movimento operário e dos sindicatos resultou na negação, pelos últimos, dos congressos anteriores promovidos pelos socialistas, e a convocação de um grande encontro nomeado como Primeiro Congresso Operário, realizado em 1906. O artigo primeiro dos estatutos da Confederação Operária Brasileira, recém-fundada, aponta, entre outras finalidades, a de

estudar e propagar os meios de emancipação do proletariado e defender em público as reivindicações econômicas dos trabalhadores, servindo-se para isso de todos os meios de propaganda conhecidos, nomeadamente de um jornal que se intitulará *A Voz do Trabalhador* (*A Voz...*, 01set. 1913, n. 38, p. 1).

A propaganda necessária para a expansão do movimento e da criação das condições para rebeliões demandava criação e

circulação de jornais, panfletos, revistas e livros, portanto, todos os meios conhecidos. Deste modo, a leitura desses materiais vincular-se-ia ao segundo princípio defendido pelo movimento: a propaganda, e, articulada a ela, a educação.

1.2.1 A Educação em A VOZ DO TRABALHADOR

O educador mais citado pelas páginas do jornal foi o espanhol Francisco Ferrer y Guardia, criador da Liga Internacional para a Educação Racionalista da Criança e que por ela publicou *L'École Renouée*, na França e a *Scuola Laica*, na Itália. Perseguido na Espanha, exilou-se na França. Posteriormente, de volta à Espanha, foi preso e fuzilado pela monarquia em 1909. O jornal publicou alguns artigos comentando a sua execução, como este, cujo trecho destaca que não

[...] houve canto do mundo donde não saísse um grito de dor pela perda inesperada [...] dum homem que com vigor e inteligência difundia a instrução tão necessária à massa proletária e tão negada pelos governos, a quem interessa conservá-la na ignorância [...] (SANTOS, R., 1909, colunas 1-4, p. 1).

No mês seguinte, em novembro, a ação de propaganda estimulava a leitura de uma publicação sobre a vida desse educador, dirigida para todos os operários:

Ferrer. A comissão contra a reação espanhola publicou um número único explicando a ação do saudoso camarada no campo da pedagogia moderna. É uma obra de valor, que ninguém deve deixar de ler. Por nosso intermédio podem ser feitos pedidos para este número (A VOZ..., 15 nov.1909, ano II, n. 20, coluna 1, p. 4).

Embora os intelectuais se preocupassem com a divulgação da leitura, havia o obstáculo do alto índice de

analfabetismo entre os operários, como demonstra trecho de um artigo publicado no jornal *A Folha do Povo*, de São Paulo:

Os artigos sociológicos, então, é o cúmulo: só uma pequena minoria os lê e se faz solidária [...] é triste que se perca tanta energia e dinheiro em propaganda que na maioria dos casos é perdida, ao passo que seria necessário juntar nossas energias em prol da instrução: ensinar a ler o operário analfabeto [...] (ANTUNHA, E. APUD GHIRALDELLI, 1987, p. 101).

A preocupação com a educação dos militantes e de seus filhos manifestava-se pela tentativa de criação de escolas do povo, como alternativa à escola para o povo, na tradição burguesa, cuja elaboração deu-se nas lutas entre operários e burgueses na segunda metade do século XIX. As experiências de formulação de escolas criadas, dirigidas e fundamentadas na produção de conhecimento necessário para a luta de classes aconteceram nas ruas e nas fábricas desse século, durante os processos revolucionários e, como afirma Foucambert (2004, p.6), investigador contemporâneo da área da leitura:

Uma escola só pode exercer o papel que se espera dela, como instrumento de libertação, ao romper com o modelo que se desenvolveu explicitamente na Europa no final do século XIX para encerrar a era das revoluções e para concluir a domesticação de seu proletariado, modelo que ela impôs ao mundo através do empreendimento colonial e depois adotado pelas burguesias nacionais ao longo de seu processo de autonomia.

Apoiados neste princípio de entender a educação como instrumento de emancipação do trabalhador, os anarco-sindicalistas organizaram suas próprias escolas, com a colaboração dos educadores cujas experiências tinham sido realizadas na Europa, para, de certo modo, alimentar o movimento iniciado na Comuna de Paris, em 1871, como sugere, atualmente, Foucambert (2004, p. 6):

É preciso retomar o trabalho no momento em que os proletários da Comuna de Paris (1871) perdem a esperança de uma escola do povo e têm que se submeter à escola para o povo que quer a burguesia. É desse ponto que é preciso recomençar, da mesma forma que recomençaram os pioneiros da nova educação e, sobretudo na França, Célestin Freinet.

Desde o século XIX, anarquistas e comunistas elaboravam programas educacionais com os quais pensavam, cada grupo a seu modo, desenvolver a educação entre os operários. Os grandes congressos operários europeus foram palco de acirrada batalha entre os dois movimentos a respeito dos princípios orientadores de uma verdadeira educação operária como contraponto aos valores da educação burguesa. Os imigrantes, ao virem para Brasil, trouxeram, em suas bagagens, o gosto pelo debate e as preocupações com a organização do movimento operário, razões que determinaram a realização de congressos no final do século XIX e no início do século XX, com embates entre marxistas e anarquistas.

3. Resoluções do Segundo Congresso Operário Brasileiro

No período entre 8 a 13 de setembro de 1913, foi realizado no Rio de Janeiro, um Congresso Operário, considerado pelos anarco-sindicalistas como o Segundo Congresso Operário Brasileiro. Desde 1909, o jornal A VOZ DO TRABALHADOR, órgão oficial da Confederação Operária Brasileira, não circulava por causa das dificuldades financeiras e pelas dificuldades próprias da organização do movimento sindical. Como aconteceu durante o Primeiro Congresso, realizado em 1906, este outro procurava revitalizar o movimento sindical e fortalecer o domínio anarco-sindicalista. Entre várias moções aprovadas, destaco a que se refere à crítica à escola controlada pelo Estado e pela Igreja, por meio de

considerandos, e a proposta dos princípios filosóficos que norteiam a criação de escolas operárias para os operários.

Educação e instrução das casses operárias

Considerando que a instrução foi até época recente evitada pelas classes aristocráticas e pelas igrejas de todas as seitas, para manterem o povo na mais absoluta ignorância, próxima à bestialidade, para melhor explorarem-no e governarem-no;

Considerando que a burguesia, inspirada no misticismo, nas doutrinas positivistas e nas teorias materialistas, sabiamente invertidas pelos cientistas burgueses, os quais metamorfoseiam a ciência segundo os convencionalismos da sociedade atual e monopolizam a instrução, e tratando de ilustrar o operariado sobre artificiosas instruções que enlouquecem os cérebros dos que freqüentam as suas escolas, desequilibrando-os com os deletérios sofismas que constituem o civismo ou a religião do Estado;

Considerando que esta instrução é ministrada juntamente com a educação prática de modalidades que estão em harmonia com a instrução aplicada;

Considerando que esta e instrução e educação causam males incalculavelmente maiores do que a mais supina ignorância e que consolidam com mais firmeza todas as escravizações, impossibilitando a emancipação sentimental, intelectual, econômica e social do proletariado e da humanidade;

Considerando-se que este ensino baseia-se no sofisma e afirma-se no misticismo e na resignação (*A VOZ...*, n.. 39-40, ano VI. 01.10.1913, p 4, coluna 3).

A esta escola oferecida aos operários, o movimento propunha uma outra, cujos suportes deveriam ser o que consideram método racional e científico, à semelhança das escolas racionalistas ou modernas fundadas por Francisco Ferrer (1859-1909) na Catalunha, com a finalidade de formar de modo integral os estudantes, como será possível verificar páginas adiante, sem

descuidar da formação técnica para o trabalho, conforme aditivo aprovado em complemento à menção apresentada pelos redatores.

Este Congresso aconselha aos sindicatos e às classes trabalhadoras em geral, tomando como princípio o método racional e científico, promova a criação e vulgarização das escolas racionalistas, ateneus, revistas, jornais, promovendo conferências e preleções, organizando certames e excursões de propaganda instrutiva, editando livros, folhetos, etc., etc. João Crispim e Rafael Serrato Muñoz, da Federação Operária de Santos. Antonio Venosa, do Sindicato dos Pedreiros e Serventes de Santos. Artur Conde, do Sindicato dos Canteiros, de Ribeirão Pires. Pedro Vila, do Sindicato dos Trabalhadores em Tecidos, do Rio.

Esta moção foi aprovada com o seguinte aditivo:

“Propomos que, além de escolas racionalistas, seja aconselhada a criação de cursos profissionais de educação técnica e artística. José Romero, do Sindicato Operário de Ofício Vários, de S. Paulo. Astrojildo Pereira, de O Trabalho, de Bajé”(A VOZ..., n. 39-40, ano VI. 01.10.1913, p. 4, coluna 4).

Em atendimento a essas propostas, a edição de 1º. de dezembro de 1913, noticiava a oferta de aulas, em um centro operário, sem referência a uma organização escolar, mas, supõe-se, com a finalidade de formação intelectual e cultural. O aditivo atende a críticas de setores do movimento de que a educação anarquista preocupava-se apenas com a formação geral, mas não com a técnica, que prepararia o operário para o trabalho. Os temas, entretanto, respeitavam as disciplinas que normalmente são oferecidas em currículos escolares. Não há indicações se eram destinadas apenas aos jovens operários:

Centro Cosmopolista

Esta associação, com a cooperação do Centro de Estudos Sociais, organizou uma série de aulas, diurnas e noturnas, de acordo com o quadro abaixo:

Diurnas

Português, as terças e sábados, de 1 hora às 3;

Aritmética, às terças e quintas, de 1 hora às 3;

Geometria, às quintas e sábados, de 1 às 3;

Pelo Dr. Orlando Correa Lopes

Noturnas

Francês, às terças e quintas, pelo camarada Honoré Cemili;

Aritmética, às terças e sábados, por José Elias da Silva;

Português, às quartas e sextas, por João Gonçalves da Silva;

Geografia, às quartas, por Carlos de Lacerda;

Inglês, às quintas, por Meyer Feldman (A Voz..., 1.12.1913, ano VI, n. 44, p. 6, coluna 1).

São aulas de disciplinas escolares sem a organização formal de uma escola, com o intuito de criar as condições para o comparecimento dos operários, mesmo as oferecidas em período diurno, colocadas em horários que poderiam não impedir a realização de certas jornadas de trabalho cujo início poderia ser no início da tarde. Nota-se a ênfase ao ensino do português, e também de inglês e de francês, línguas não dominadas por portugueses, brasileiros, espanhóis e italianos que formavam o maior contingente de trabalhadores imigrantes.

A edição de 1 de janeiro de 1914 traz duas matérias sobre a educação.

Uma delas noticia a construção de prédio para uma organização sindical, no Rio Grande do Sul, em que, ao mesmo tempo, funcionaria um ateneu de ofícios, conforme recomendava a moção aprovada no congresso do ano anterior:

Aproveitando-se de um terreno que fora doado à Federação Operária, na época em que seus diretores queriam adquirir simpatia da classe a troca de favores

obtidos dos poderes públicos, está sendo construído no campo da Redenção o edifício do Ateneu Operário, destinado a ser a sede das associações operárias federadas e ao estabelecimento de uma escola de artes e ofícios e de instrução e educação. Esse edifício terá um vasto salão destinado a conferências, reuniões e espetáculos.

As obras do Ateneu, já bastante adiantadas, até agora têm sido custeadas com o produto de donativos angariados, festas, kermesses, etc.

Uma comissão especial nomeada pela Federação Operária encarrega-se das referidas obras (A Voz, ano VII, n. 46, p. 3, coluna 2).

A outra matéria, assinada por Florentino de Carvalho (1889-1947), então com 24 anos, traçava os princípios filosóficos e metodológicos das escolas que estavam sendo criadas pelo movimento, como a que ele próprio fundaria em São Paulo, cuja organização curricular está publicada em edições posteriores. Florentino de Carvalho era o pseudônimo de Raymundo Primitivo Soares, espanhol, nascido na Província de Oviedo em 3 de março de 1889, imigrado para a cidade de São Paulo, com seus pais e irmãos, aos dez anos de idade. Foi cabo da polícia militar até ler Piotr Kropotkin, ideólogo anarquista russo. Entusiasmado com o pensamento anarquista, tornou-se operário e fervoroso militante. Frequentemente perseguido pela polícia, foi para a Argentina onde, entre outras ações, exerceu a função de professor conforme os princípios da Escola Moderna fundada por Francisco Ferrer na Espanha. Deportado da Argentina para a Espanha, foi retirado à força pelos operários quando o navio em que viajava fez escala no porto de Santos, em 1910, adotando, a partir desta nova entrada no país, o nome de Florentino de Carvalho. Posteriormente foi deportado com outros militantes, mas nenhum país o recebeu. De volta ao Brasil, com o arrefecimento do movimento durante o governo Vargas, Florentino procurou outros caminhos para sobreviver. Em carta endereçada a Alexandre Pinto, em 17 de dezembro de 1946, postada em Marília – SP, o velho militante

anarquista dizia viver, mesmo doente, como professor em escola rural na cidade de Oriente, SP.

"Marília, 17 de dezembro de 1946

Alexandre Pinto,

Estimado camarada

Acabo de chegar a esta cidade de Marília, procedente de uma fazenda distante daqui uns 40 quilômetros e tenho, com surpresa, a satisfação de receber a sua grata missiva, a qual veio a servir de início a novas e necessárias relações com o velho amigo e companheiro de ideal.[...]

Atualmente estou lecionando em uma fazenda distante de Oriente uns 20 quilômetros, lugar denominado Monte Alegre.[...]

Sem mais queira o camarada abraçar em meu nome, as pessoas da nossa grei, e receber um fraternal amplexo deste seu amigo e companheiro de ideal.[...]

Primitivo Raymundo Soares

Ao cuidado do Sr. José Oliveira Cruz

Caixa Postal n.40 –Oriente- E.F.P.- Estado de São Paulo"

Em 24 de março de 1947, a imprensa noticiou o falecimento de Raymundo Primitivo Soares ou Florentino de Carvalho, com 58 anos. O artigo de Florentino de Carvalho, escrito em janeiro de 1914, em seu início, anunciava a necessidade de discutir princípios metodológicos, embora, segundo apontava o articulista, havia o pensamento de que essa discussão revestia-se de pouca importância, desde que as crianças aprendessem. Não seria este, entretanto, o ponto de vista do pensador anarquista, preocupado em definir com clareza esses princípios, porque orientariam a conduta docente e a organização curricular da escola:

Há pessoas que ligam pouca importância aos métodos de ensino: o essencial é que os meninos aprendam...seja o que for.

Se algum interesse os pais tomam pela instrução dos filhos é para prepará-los em materiais de leitura e contabilidade, a fim de adquirirem com menos embaraço uma colocação de preferência, ou um diploma de certa profissão, mais ou menos elevada.

Estuda-se sempre com o fim de suplantar os semelhantes na luta pela existência; nunca com o fim de criar uma cultura racional. Este critério não predomina somente nas famílias ignoras. Alguns militantes do livre-pensamento, e mesmo dos ideais mais ou menos libertários, afirmam que os indivíduos educados nos colégios dos jesuítas, quando passam para as nossas fileiras, vêm a ser os melhores elementos de nossa grei, porque agem com mais conhecimento de causa (A Voz..., ano VII, 1.1.1914, n. 46, p. 2, coluna 1).

Carvalho contrapõe o que considera métodos de ensinar e de fazer ciência, próprios do movimento anarco-sindicalista, aos métodos e princípios educativos da educação patrocinada pelo Estado. Deste modo, entende que o *racionalismo* seria o princípio educativo que poderia se contrapor ao Estado de modo que a criança, particularmente filha de trabalhadores, pudesse receber uma educação integral.

O método intuitivo, demonstrativo e objetivo é o tecnicismo pedagógico, que pode ser mais ou menos limitado, e aplicado de forma a não prejudicar o regime estabelecido.

O método racional de analisar e conceber a natureza e a vida, é o que foi desprezado porque o Estado e as castas aristocráticas ou burguesas, não devem estar dispostas a abrir falência em benefício do bem estar e do desenvolvimento integral de todos os indivíduos que fazem parte de toda a colméia humana (A Voz..., ano VII, 1.1.1914, n. 46, p. 2, coluna 1).

Esses princípios metodológicos apoiar-se-iam no positivismo comtiano que, para Carvalho, forneceu as bases filosóficas para que o estado organizasse sistemas educativos diferenciados para a classe dirigente e para a classe operária.

Mesmo nas democracias, onde se diz ser um fato a igualdade perante a lei, a instrução ainda é privilégio dos ricos. No entanto a coerência é patente: Augusto Comte na sua filosofia positivista estabeleceu um sistema de instrução e educação compatível com o regime capitalista.

Diz, textualmente, que aos ricos deve ser dada uma instrução integral ou universitária, e aos operários uma instrução elementar e profissional (*A Voz...*, ano VII, 1.1.1914, n. 46, p. 2, coluna 1).

Apoiada por essa filosofia discriminatória, a escola nas décadas iniciais do século XX, na perspectiva anarquista, contribuiria para formação de uma ordem moral contrária à solidariedade humana, princípio fundamental do pensamento anarquista. Entre outras mentalidades criadas pelo ensino imposto pelo Estado, Carvalho arrola o que considera como doenças ou vícios:

O ensino oficial produz, entre outros, os seguintes vícios ou enfermidades: a - pessimismo; b - tristeza; c - temperamento irascível; d - orgulho exagerado; e - presunção; f - ódio e desprezo ao estrangeiro; g - inclinação a ferir com gestos e com palavras a suscetibilidade de outrem, sentindo prazer em irritar e humilhar; h - inveja dos que gozam das melhores regalias; i - falsa comiseração pela extrema pobreza que reflete a diferença de condições (*A Voz...*, ano VII, 1.1.1914, n. 46, p. 2, coluna 2).

A preocupação com a educação integral do homem, com o objetivo de promover a sua emancipação, era o pilar da educação anarquista, que, apoiada nos princípios do racionalismo, isto é, do uso da razão e do respeito à natureza humana, poderia criar as

condições para a visão crítica do mundo organizado pelo capital para os capitalistas:

Quando estudamos um simples compêndio de geografia que nos descreve a flora e a fauna e outras riquezas dos diversos países, dando a entender que são desfrutadas por todos os seus habitantes, poderemos racionalmente deixar de explicar que essas riquezas beneficiam exclusivamente determinados indivíduos e que a imensa maioria se define de miséria, ao pé de grandes depósitos, que produziram com o seu próprio trabalho?

Não, a escola deve tender para a educação integral, não escondendo nenhuma das verdades demonstradas pela experiência; deve facilitar os meios para que os alunos possam adquirir os conhecimentos mais essenciais a fim de eles mesmos criem a sua educação.

Para formar uma verdadeira cultura é preciso criar ao redor da infância um ambiente de justiça, de independência e de estética que a liberte dos vícios e dos preconceitos que adquire quando está em contato com os elementos de degeneração da sociedade presente.

E não há dúvida de que com este método de educação se conseguirá formar homens mais equilibrados, mais sãos, mais racionais do que os que possam vir ao nosso campo, passando primeiramente pelas academias da corrupção e do fanatismo, cujos vestígios dificilmente desaparecem de uma forma radical (A Voz..., ano VII, 1.1.1914, n. 46, p. 2, coluna 2/3).

A edição de primeiro de fevereiro de 1914 noticiava a formação de uma escola em São Paulo, na rua Miller, 74, de acordo com o método racionalista. Uma outra matéria, de 7 de abril de 1915, anunciava a existência de uma outra escola, na rua da Alegria, 20, da qual fazia parte Florentino de Carvalho. Transcrevo as duas matérias, com o objetivo de destacar as disciplinas oferecidas, os princípios metodológicos defendidos por Carvalho no artigo já citado e a organização curricular, de modo geral, preocupada com a formação integral da criança.

O Ensino racionalista em S. Paulo

Escola Moderna n. 2

O Comitê pró Escola Moderna distribuiu ultimamente o seguinte boletim, na capital do Estado de São Paulo:

“Cientificamos às famílias que se acha instalada no prédio da rua Miller, 74, a Escola Moderna n. 2, criada sob os auspícios do Comitê pró Escola Moderna.

Esta escola servir-se-á do método indutivo demonstrativo e objetivo, e baseia-se na experimentação, nas informações científicas e raciocinadas, para que os alunos tenham idéia clara do que se lhes quer ensinar.

Educação artística intelectual e moral

Conhecimento de tudo quanto nos rodeia;

Conhecimento das ciências e das artes;

Sentimento do belo, do verdadeiro e do real;

Desenvolvimento e compreensão sem esforço e por iniciativa própria.

Matérias

As matérias a serem iniciadas, segundo o alcance das faculdades de cada indivíduo, constarão de leitura, caligrafia, gramática, aritmética, geografia, geometria, botânica, zoologia, mineralogia, física, química, história, desenho, etc.

Para maior progresso e facilidade do ensino, os meninos exercitar-se-ão nas diversas matérias com auxílio do museu e da biblioteca que esta escola está adquirindo nas aulas.

Na tarefa de educação tratar-se-á de estabelecer relações permanentes entre a família e a escola, para facilitar a obra dos pais e dos professores.

Os meios para criar estas relações serão as reuniões em pequenos festivais, nos quais se recitará, se cantará e se realizarão exposições periódicas dos trabalhos dos alunos; entre os alunos e os professores haverá palestras a

propósito de várias matérias, onde os pais conhecerão os progressos alcançados pelos alunos.

Para complemento de nosso programa de ensino organizar-se-ão sessões artísticas e conferências científicas.

Horário: 12 da manhã às 4 da tarde.

A inscrição dos alunos acha-se aberta das 10 às 12 horas da manhã e das 4 às 6 da tarde.

S. Paulo, 16 de agosto de 1913. A diretoria" (A Voz..., ano VII, 1.2.1914, n. 48, p. 8, coluna 2).

É interessante notar que a formação integral, objetivo da educação anarco-sindicalista, colocava já, no início do século XX, procedimentos que a escola oficial ainda procura operacionalizar no início do século XXI, no Brasil, como se fossem descobertas defendidas por tendências pedagógicas dos últimos tempos. Assim é que a relação escola-comunidade, por meio de reuniões, exposições e atividades artísticas; a utilização de laboratórios e bibliotecas; encontros de natureza artística e científica, apoiados sobre um conjunto sólido de conhecimentos, constituir-se-iam a base necessária para o processo de humanização.

Esta escola utilizava o nome cunhado por Francisco Ferrer para colocar em ação as recomendações contidas nas moções aprovadas pelo Segundo Congresso e os princípios defendidos por Carvalho.

A outra matéria, publicada em 7 de abril de 1915, divulga o funcionamento de uma escola em São Paulo. Não há indicações se se tratava da anterior, em nova sede:

Escola Nova

Na capital do estado de S. Paulo foi ultimamente instalado, em confortável prédio da rua da Alegria, 26 (sobrado) um instituto de instrução e educação para meninos e meninas, cujo título encima esta notícia, estando já funcionando as respectivas aulas diurnas e

noturnas, a qual serve-se dos métodos racionais e científicos da pedagogia moderna.

As matérias são: Para o curso primário – Português, aritmética, geografia, botânica, zoologia, caligrafia e desenho.

Curso médio –Português, aritmética, geografia, mineralogia, botânica, zoologia, física, química, geometria, história universal, caligrafia, desenho, etc.

Curso superior – Aritmética, álgebra, botânica, zoologia, mineralogia, geometria, física, química, história universal, geologia, astronomia, desenho. Idiomas: português, italiano, espanhol, etc.

Os cursos primário e médio acham-se a cargo dos professores Florentino de Carvalho e Antonia Soares.

O curso superior está sob a direção de pessoas de reconhecida competência, figurando entre elas o professor Saturnino Barbosa, dr. Roberto Feijó, Passos Cunha, A. de Almeida Rego e Alfredo Junior, os quais lecionam matérias de sua respectiva especialidade.

Para outros esclarecimentos os interessados devem se dirigir à sede da aludida Escola Nova, à rua Alegria, 26, S. Paulo (A Voz..., ano VIII, 7.4.1915, n. 69, p. 2, coluna 3).

Destaca-se, neste anúncio, a preocupação com a definição da metodologia baseada nos pressupostos *racionalistas e científicos* defendidos por Florentino de Carvalho, que, com sua irmã Antonia, praticamente organizaram a escola, porque a eles estava a responsabilidade por ministrar aulas de várias disciplinas nos cursos que em 2006 equivaleriam às oito séries do ensino fundamental. Tais dados revelam a formação extraordinária de Carvalho que viria a se tornar professor em escola rural na região da Alta Paulista. Por outro, a preocupação com a educação levou os anarquistas a organizarem também cursos superiores, na área de exatas, biológicas e humanas, uma vez que a intenção seria a de formação integral do homem. Há, pela análise das disciplinas,

ênfase na área de exatas, por causa da preocupação em cuidar do que seria um aprofundamento científico do conhecimento, em oposição às idéias de natureza religiosa. Na área de humanas, o destaque é dado à história universal e não à do país, como supostamente deveria acontecer também com o ensino de Geografia. Idiomas e desenho completariam a formação nessa área.

A educação desempenhava papel importante no processo de revolução social que os adeptos do pensamento libertário queriam opor a uma possível revolução de cunho político. A sociedade livre, ideal do projeto anarquista, não dependia apenas de mudanças nas relações sociais, mas precisava também de formar homens com novas mentalidades, sensíveis aos avanços científicos e culturais. A revolução social seria uma revolução integral cuja condição básica seria o rompimento com todo tipo de ignorância e credices. À educação burguesa, condicionada pela organização política e econômica da sociedade, Bakunin (1814-1876) contrapunha a educação integral, porque

inteligência alguma, por mais prodigiosa que seja, é capaz de abarcar todas as ciências em sua especialidade, e como, por outro lado, é absolutamente necessário para o completo desenvolvimento da inteligência um conhecimento geral de todas as ciências, o ensino se dividirá naturalmente em duas partes: a parte geral, que dará os elementos principais de todas as ciências sem nenhuma exceção, do mesmo modo que o conhecimento, não superficial, porém real do seu conjunto; e a parte específica dividida necessariamente em vários grupos ou faculdades, cada uma delas abrangendo em toda a sua natureza são especialmente destinadas a se completarem (BAKUNIN, 1989, p. 43).

Florentino de Carvalho havia se entusiasmado com as idéias de Kropoktin (1842 –1921) e é com base nelas que organiza a escola que funda em S. Paulo, com o foco dirigido para a formação científica, porque,

sobre o pretexto da divisão de trabalho separamos violentamente o trabalho intelectual do braçal. A massa trabalhadora não recebe mais informação científica do que seus avós e, ademais, se vê privada da pouca educação que poderia adquirir nas pequenas oficinas, enquanto que seus filhos, homens e mulheres, condenados a viverem na mina ou na fábrica desde a idade de treze anos, esquecem logo o pouco que aprenderam na escola. Os homens de ciência, por sua parte, desprezam o trabalho braçal. Quem poderia fazer um telescópio ou outro instrumento menos complicado? Muitos não são capazes nem mesmo de desenhar um aparelho científico, somente dão uma vaga idéia ao construtor e deixam a este o cuidado de inventar o aparelho de que necessitam (KROPOTKIN, 1989, p.51).

Carvalho colocava em prática, ao fundar as escolas, os princípios anarquistas de educação, apoiando-se em Ferrer e suas experiências com a Escola Moderna de Barcelona, e no pensamento de Kropotkin, ideólogo anarquista, do qual alimentou seu espírito revolucionário anarco-sindicalista, para, posteriormente, enveredar para a educação libertária, assentada firmemente sobre o conhecimento universal produzido pelo homem, mas orientada sempre pelos princípios de formação integral, apoiada na análise crítica, racional, objetiva e experimental desse conhecimento.

Conclusão

O objetivo deste trabalho foi o de verificar as preocupações com métodos e organização curricular defendidos pelo pensamento educacional anarquista brasileiro veiculado pelo jornal A VOZ DO TRABALHADOR, editado entre 1908-1915, pela Confederação Operária Brasileira, sediada no Rio de Janeiro. Essas preocupações foram claramente expostas nas decisões aprovadas em moção do Segundo Congresso Operário, realizado em 1913, cujas bases também já tinha sido registradas

no anterior, de 1906. A partir de 1913, muitas escolas são fundadas, entre as quais se destacam as de S. Paulo, orientadas pelo pensamento de Florentino de Carvalho, defensor rigoroso das idéias educacionais anarquistas.

A organização curricular das duas escolas direciona os alunos para formação geral, com ênfase em matérias das três grandes áreas do conhecimento, sem, contudo, oferecer aulas para a formação específica do trabalho operário, como também acontece com a oferta de disciplinas pelo *Centro Cosmopolita*, não definido como organização escolar. Por outro lado, o Ateneu Operário no sul do país ofereceria o ensino de artes, ofícios e instrução geral, ações que caracterizam a formação integral.

Nesse período pós-congresso, a atuação de Florentino de Carvalho parece ter sido fundamental para a criação a partir de 1913, pelo menos em São Paulo, das escolas anarquistas, em cumprimento às decisões do Segundo Congresso Operário.

Referências

A VOZ do Trabalhador: órgão da Confederação Operária Brasileira: coleção fac-similar de 71 números, 1908-1915. Prefácio de Paulo Sérgio Pinheiro. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado. Secretaria da Cultura: Centro de Memória Sindical, 1985.

BAKUNIN, M. e outros. Educação Libertária. Porto Alegre : Artes Médicas, 1989.

BIONDI, L. Anarquia e movimento anarquista. Disponível em: <<http://www.arquivo.ael.ifch.unicamp.br/textosdidaticos/htm/luigi.htm>>. Acesso em 26 fev. 2005

FOUCAMBERT, J. Trata-se, de fato, de distribuir melhor a leitura? Leitura: Teoria & Prática/Associação de Leitura do Brasil, ano 32, n. 42 mar. 2004 – Campinas, SP. ALB; São Paulo: Global Editora, p. 7-8, 2004

GHIRALDELLI JR. P. Educação e movimento operário no Brasil. São Paulo : Cortez/Autores Associados, 1987.

SANTOS, R. A reação espanhola:o jesuitismo a renascer. A Voz do Trabalhador. 30.out.1909, ano II, n. 19.

WIKIPEDIA. Disponível em:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Florentino_de_Carvalho. acesso em 14 abril 2006.

Dagoberto Buim Arena - Departamento de Didática; Programa de Pós-Graduação em Educação; Grupo de Pesquisa: Processos de leitura e de escrita: apropriação e objetivação – UNESP/Marília.
e-mail: arena@marilia.unesp.br

Recebido em: 20/05/2007

Aceito em: 20/07/2007